

## VERISSIMO

SEGUNDA-FEIRA  
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA  
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA  
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMOSEXTA-FEIRA  
IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO  
MILTON HATUOMSÁBADO  
MARCELO RUBENS  
PAIVA  
SÉRGIO TELLESDOMINGO  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMO  
JOÃO UBALDO RIBEIRO  
LEE SIEGEL

## A maior metáfora do mundo

PARIS

Faz 100 anos que o “Titanic” foi ao fundo e o aniversário do naufrágio está tendo quase tanta cobertura quanto o próprio naufrágio. Há exposições sobre o navio e seu fim em várias cidades da Europa e discute-se outra vez desde as minúcias do desastre, como a desatenção do comando do navio aos vários alertas

de icebergs na rota, até seu significado maior. Um jornal satírico americano fez uma edição inteira lembrando o acidente e seus intérpretes cuja manchete principal era “Maior metáfora do mundo bate em iceberg e afunda”. Que o trágico fim da maior coisa construída pelo homem até então era uma metáfora ninguém discutia. Mas qual, exatamente, a metáfora?

O naufrágio do “Titanic” marcava o fim tardio do século 19 e sua confiança

ilimitada no progresso tecnológico. Como um castigo a mais pela pretensão do século que findava, dali a dois anos toda a nova engenhosidade da era estaria engajada nas máquinas de morte da Grande Guerra e a tragédia precursora do “Titanic” simbolizaria um adeus à inocência. Chamado de indestrutível, o “Titanic” desafiara os deuses, como os titãs do mito, e, como os titãs, fora destruído pelos deuses – metaforicamente. Outra me-

táfora: nada simboliza a divisão de classes como a divisão das classes num navio como o “Titanic!”, onde os viajantes do porão, inclusive as crianças, tiveram poucas chances de escapar com vida. O “Titanic” também era o mundo do privilégio ostensivo e da massa descartável metaforizado.

Cherbourg, na Normandia, tem uma razão especial para lembrar o “Titanic”. Seu porto foi uma das duas escalas feitas pelo navio depois de dei-

xar Southampton. Estivemos há dias na simpática Cherbourg – que também foi um porto importantíssimo durante a Segunda Guerra Mundial e é a terra dos guarda-chuvas filmada por Jacques Demy, com música de Michel Legrand. Fomos visitar sua exposição dedicada ao “Titanic”. Excelente. No rádio do carro, não, não Michel Legrand, mas, juro, *Ai Se Eu Te Pego*. Simbolizando, pensando bem, nada.

## Visuais. Inauguração

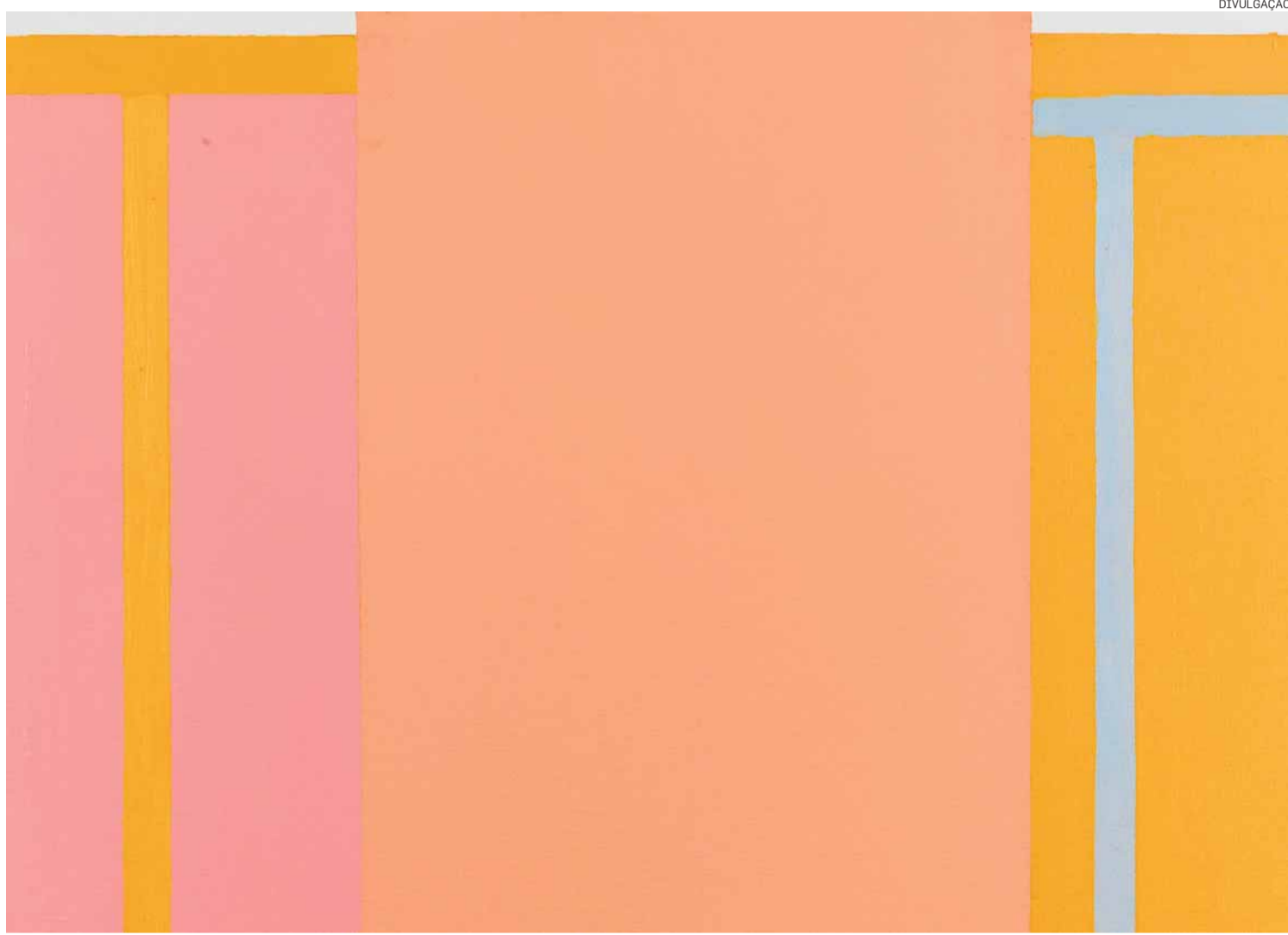
Camila Molina

Quanto mais fiel às próprias origens, mais original nos tornamos. Paulo Pasta define assim, de uma forma natural, seu comprometimento, desde a década de 1980, com a pintura em seu estado mais puro. “Não sou abstrato”, diz o artista – sua pesquisa é o desdobramento da criação de esquemas em que a cor se revela “o mais importante de tudo”.

Na sala principal da Galeria Millan, Paulo Pasta exhibe a partir de hoje para convidados e amanhã para o público seis grandes telas criadas entre 2011 e 2012, obras que traduzem sua produção mais recente. As pinturas têm o mesmo tamanho, 2,40 m x 3 m, e são a continuação do trabalho ao qual o pintor vem se dedicando nos últimos tempos, a criação de passagens da cor a partir de uma estrutura similar e simples, a construção de regiões delimitadas com formas que remetem à cruz – e em alguns casos, a uma espécie de arquitetura.

Podem parecer lugar-comum, mas é necessário dedicar tempo sensível para adentrar no campo da sofisticada obra de Paulo Pasta. Em terrenos de espaços horizontais e verticais, nenhuma cor é pura, mas sempre sóbria, e se torna “funâmbula” nas telas do artista, como ele diz. Acompanhamos uma “história interna” da pintura e da passagem de tonalidades que, em cada obra, podem ser claras – o branco; podem ser vibrantes – há o amarelo e o vermelho; podem ser densas – o azul, o negro. “A pintura é estado, a cor é estado, digo que é o impressionismo da consciência ou o impressionismo do perene”, afirma Pasta, que escolheu como título de sua exposição um verso de canção caipira, *O Fim da Metade É o Começo do Meio*, de Tião Carreiro e Pardinho.

“Matisse sonhava com uma arte da pureza, da serenidade, do equilíbrio. É possível dizer que Paulo Pasta sonhe com as mesmas coisas. A exemplo de Matisse, Pasta nunca pintou uma mesa pensando no objeto, mas na emoção que sua imagem provoca, recapturando o frescor do inaudito, daquele primeiro olhar sobre o mundo”, define o crítico e repórter do *Caderno 2*, Antonio Gonçal-



Equilíbrio e serenidade. Paulo Pasta elabora uma estrutura regular para as suas composições a partir do formato de cruzeiros

# PASTA

## E OS ESTADOS DA PINTURA

Pintor exhibe novas obras de perene pesquisa sobre a cor e lança livro



LEONARDO SOARES/AE

ves Filho, no prefácio do livro *A Educação pela Pintura*, que o artista lança hoje, na Galeria Millan, durante a inauguração de sua mostra no local (*leia mais acima*).

Pasta diz, sim, apostar na beleza, mas define a contemporaneidade de sua obra quando coloca “o paradoxo dos contrários” em suas pinturas. A estrutura das composições, feita a partir das formas de cruzeiros, é regular, a pincelada de Paulo Pasta, “controlada”, e sua pintura, muito contida, mas é a cor que remete ao caráter da “indefinição”, da “imprecisão do real” por meio do movimento sutil ou até pulsante – como, especialmente, na tela feita de amarelo e branco – de tonalidades.

Já no mezanino da galeria, o pintor exhibe duas telas – de 2,40 m x 3 m – nas quais se vê outro desdobramento de sua pesquisa mais recente, a criação

## OS ESCRITOS DO ARTISTA EM LIVRO

● Durante o vernissage de sua mostra, o pintor Paulo Pasta lança o livro *Educação pela Pintura* (Editora Martins Fontes, 180 págs., R\$ 45). A edição reúne textos escritos pelo artista nos últimos cinco anos, uma seleção de seus ensaios sobre pintura publicados na imprensa e em catálogos de mostras. Há textos de Pasta sobre outros pintores, como Francis Bacon, Iberê Camargo, Matisse, Philip Guston e José Antônio da Silva, e ainda quatro entrevistas que o artista concedeu a Fernanda Lopes, Ana Calvazara, Francisco Faria e Josely Vianna Baptista e a Nuno Ramos e Rodrigo Nunes. O livro trata, assim, de uma reflexão sobre o gênero pictórico e sobre a própria obra de Paulo Pasta (nascido em Ariranha, em 1959), que é doutor em artes visuais pela USP e professor. “Exceto por dois textos, evitei falar de mim de maneira mais extensa e demorada”, escreve o artista na introdução de *Educação pela Pintura*. / C.M.

de um grande retângulo chapado e seguro no centro das obras. “O retângulo é o funâmbulo para se mergulhar”, define o artista esse novo esquema. Na mesma sala, uma obra de tons claros – rosa, bege, amarelo – e outra escura – azul e negro-azul, está de frente para a outra. “É o dia e a noite”, diz o pintor. Pasta exhibe ainda na galeria pinturas de tamanhos menores – algumas, bem diminutas e outras de uma média de 50 cm x 60 cm. São todas, afinal, estados do artista, despertando o silêncio que é a “moradia da cor” – como já disse a ele o mestre Amílcar de Castro.

**PAULO PASTA**  
Galeria Milan. R. Fradique Coutinho, 1.360, telefonbe 3031-6007. 10 h/19 h (sáb., 11 h/17 h; fecha dom.). Até 30/6. Abertura hoje, para convidados.

## Música. Show

## TRIBUTU À LEGIÃO OSCILA ENTRE AMADOR E ‘PROFISSA’

\*  
♦ **Crítica:** Jotabê Medeiros

♦♦♦ BOM

Parafrazeando Ortega y Gasset, um show é o show e a sua circunstância. É possível gostar dele por causa de seu efeito, mais do que de por sua relevância artística. Mas não é bom confundir as duas coisas.

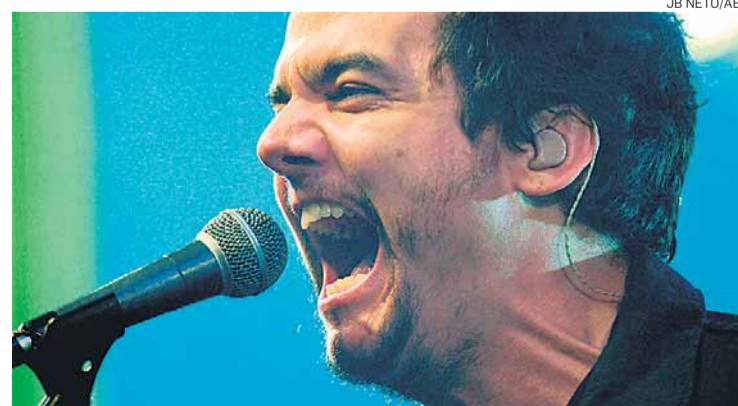
O Tributo à Legião Urbana da MTV acertou na estratégia de re-

visitar um dos mais vibrantes legados do pop nacional. Errou ao supor que somente o magnetismo da obra de Renato Russo seria suficiente para fazer um bom tributo – algum apuro técnico também seria interessante, inclusive para melhorar o que havia de claudicante na Legião.

Renato Russo (1960-1996) tinha como marca pessoal se expor, se colocar “com verdade e com honestidade”, disse o ator Wagner Moura, escalado para ocupar o lugar do finado cantor. O ator foi em busca dessa verda-

de: se jogou no meio do público, teve a camiseta rasgada, berrou, chorou, se esmerou num overacting convincente (parecia mesmo um fã pinçado ao palco).

Wagner Moura, enfim, foi heroico, isso é unânime. Para mobilizar a emoção dos fãs, precisaria mesmo de alguém que fosse capaz de demonstrar uma conversão ao vivo, um tipo de Pombagira da interpretação. Ele foi bem nos hits, mesmo nos que não conseguia alcançar com sua voz de fã. O set de abertura, berrado pelo público, foi de arrepiar, com



Wagner Moura. Como um fã pinçado da plateia para o palco

*Tempo Perdido*, *Fábrica*, *Andrea Doria* e *Quase Sem Querer*.

Mas Wagner foi traído pelos equívocos do repertório, como *A Via Láctea* – um tipo de balada do adeus do compositor. “Hoje fiquei com febre a tarde inteira.” Não ficou nem pungente nem

reacendeu o encanto. Ironicamente, o melhor momento do show foram as performances individuais dos dois legionários remanescentes, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos.

A aparição de Andy Gill, guitarrista da banda inglesa Gang of

Four, funcionaria como um teste de DNA musical para expor as raízes históricas da Legião. A música do Gang of Four escolhida para isso foi *Damaged Goods* (reconhecível hoje no som de bandas como Bloc Party e Franz Ferdinand).

Mas Dado mandou muito bem no vocal e, apesar de penetra, Andy Gill foi o ponto alto da festa. Sua fleuma britânica deu uma nova pulsão ao clássico *Ainda É Cedo* (embora o microfone de Moura tenha falhado no início), que teve ainda o reforço de Bi Ribeiro, dos Paralamas. Marina Lima, que gravou versão matadora dessa música, estava na plateia, encantada com a reinvenção. O tributo pegou todo mundo, tinha gente se acabando de cantar e dançar. Não tem de ter culpa de se divertir. O problema é: quando acaba a festa, o que permanece?